



MAHRTE OPES

RIO DE JANEIRO SUAS GUERRAS E DESAFIOS

ALEXANDRE ABRAHÃO

7

Combate em múltiplos domínios
e as guerras das próximas décadas

FERNANDO MONTENEGRO

14

Visada Ghost:
a arte de atirar com
ambos os olhos abertos

UBIRAJARA COELHO

19

Um Oficial no Haiti

ANDRÉ LUIZ



QUANTO VALE O SEU CONHECIMENTO?

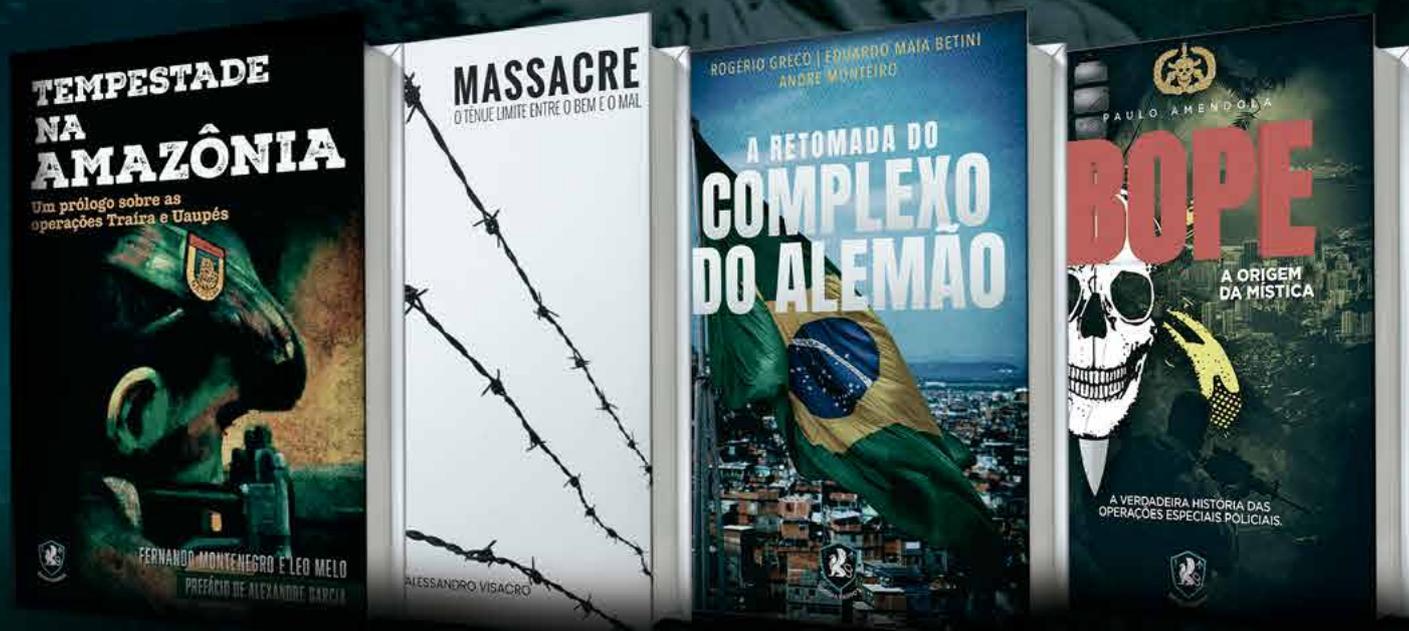


AQUI, A HISTÓRIA MILITAR VEM DIRETO DO FRONT.

TUDO ISSO E MUITO MAIS PARA VOCÊ!



**ACESSE O
NOSSO SITE**



SIGA A @EDITORAGRIFFOS 



(21) 38073009



WWW.EDITORAGRIFFOS.COM



CONTATO@EDITORAGRIFFOS.COM



Senhores e senhoras,

O Brasil enfrenta uma crise de segurança que afeta cada canto do país. Em cada região, a escalada de crimes e a atuação cada vez mais violenta das facções desafiam a lei e a ordem. Nossos policiais estão na linha de frente, lidando com recursos limitados e legislações que frequentemente restringem suas ações.

A ADPF das Favelas, por exemplo, busca impor restrições que dificultam o trabalho policial em áreas “vulneráveis,” transformando ações de combate ao crime em um campo minado de limitações. Nós, ao lado dos cidadãos de bem, questionamos até que ponto essas medidas beneficiam realmente o país e apoiamos nossos policiais que, diariamente, arriscam a própria vida para proteger nossas comunidades.

Ser contra o crime é ser a favor da paz, e isso significa confiar e fortalecer as forças de segurança, que merecem respaldo, não barreiras. Nossa luta é pela liberdade de

viver sem medo, e essa batalha exige que todos apoiem as ações firmes contra o banditismo que se espalha em nossas ruas.

Juntos, somos mais fortes. Com união e respeito àqueles que servem, defenderemos o direito de viver com segurança e dignidade em todo o território nacional.

Forte abraço.





7

FERNANDO MONTENEGRO

Combate em múltiplos domínios e as guerras das próximas décadas



14

UBIRAJARA COELHO

Visada Ghost: a arte de atirar com ambos os olhos abertos



19

ANDRÉ LUIZ

Um Oficial no Haiti



24

ALEXANDRE ABRAHÃO

RIO DE JANEIRO SUAS GUERRAS E DESAFIOS



29

SUZANA MAGALHÃES

DISCURSOS MANIQUEÍSTAS SOBRE A EDUCAÇÃO MILITAR



35

AYRTON BARRETO

A EXPERIÊNCIA DE REALIZAR UM CURSO NO EXÉRCITO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA



EDITORIAL

Revista Mahrte Ope-S

Editora Griffo's

Editor Chefe/Jornalista responsável

Gustavo Griffo MTB 41272/RJ

Diretora Executiva

Luciana Frutuoso

Direção de Arte e Diagramação,

Celestematos.design

Conselho Editorial

Luciana Frutuoso, Gustavo Griffo

Articulistas

Coronel Fernando Montenegro, Ubirajara Coelho,
André Luiz, Alexandre Abrahão, Suzana Magalhães
e Ayrton Barreto

Imagens

Freepik / Wikimedia

Canais de comunicação

[@revistamahrteopes](https://www.instagram.com/revistamahrteopes)

[@editoragriffos](https://www.instagram.com/editoragriffos)

www.editoragriffos.com

contato@editoragriffos.com

(21) 3807-3009

Mahrte Ope-S - 8ª Edição - Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento e transmissão total ou parcial deste editorial, através de quaisquer meios, sem a prévia autorização. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião deste veículo.



COMBATE EM MÚLTIPLOS DOMÍNIOS E AS GUERRAS DAS PRÓXIMAS DÉCADAS

FERNANDO MONTENEGRO

A Guerra Híbrida atual abrange o conceito de combate em múltiplos domínios, alguns referem-se a isso como guerras não militares. A vertente cibernética é uma delas e pode levar à neutralização ou degradação de muitos meios técnicos do inimigo ou das forças adversas. Já em 1998, os Estados Unidos e a OTAN interferiram nos equipamentos eletrônicos na Sérvia antes de intervir lá e fizeram o mesmo em 2003 no Iraque.

**Atualmente, o termo
“guerra cibernética” remete
a manobras agressivas
em tempo de paz no
ciberespaço.**

Essas ações são limitadas porque a arma cibernética ainda é pouco controlável para permitir manobras maciças, como por exemplo destruir os sistemas de informação essenciais para o funcionamento das sociedades modernas: militar, saúde, bancos, transporte, abastecimento e energia. Uma ação dessas pode levar uma sociedade ao colapso sem ter disparado nenhum tiro, como os apagões de energia elétrica, por exemplo.

No entanto, existem armas cibernéticas limitadas, porém muito eficazes. O vírus Stuxnet, lançado em 2010 pelos americanos e israelenses contra os centros nucleares iranianos, destruiu dezenas de milhares de computadores.

Outro tipo de ação agressiva é, por exemplo, infiltrar-se nos sistemas do Pentágono para roubar informações. Isso pode ser feito por pessoas comuns, pequenos grupos ou por Estados. Os países mais avançados levam esse tipo de ataque muito a sério. O Livro Branco da Defesa do Brasil (2010) indica que os esforços sobre a segurança cibernética devem ser liderados pelo Exército Brasileiro; outros países, como a França, por exemplo, estabeleceram uma prioridade desde 2008 no aporte de recursos financeiros para o segmento.

Em 2019, Israel foi o primeiro país a responder a um ataque cibernético com uma força militar. Após uma ofensiva cibernética do Hamas, os israelenses lançaram

um ataque aéreo a um prédio na Faixa de Gaza de onde vinham os ataques.

Os cenários dos campos de batalha fragmentados também registram o acesso de novas armas a pequenos grupos de combatentes com capacidade de interferir em cenários tradicionalmente equilibrados. Graças à Internet, desenvolveu-se uma dinâmica de difusão generalizada de técnicas de emprego militar. Durante décadas foi possível manter em sigilo conhecimentos de como produzir um artefato nuclear ou mesmo um IED, por exemplo. Os drones, inicialmente menos ameaçadores, difundiram-se mais rapidamente até mesmo porque já existia uma indústria de aeromodelos.

É possível que em breve algumas contendas entre o Hezbollah e Israel ocorram no espaço aéreo do Oriente Médio entre drones armados. Nesse sentido, vale dizer que facções de crime organizado já usam drones simples comprados no comércio para infiltrar telefones celulares em presídios do Brasil. As novas tecnologias também são mais leves e acessíveis.

A assimetria dos conflitos modernos se apresenta de várias formas. Para fabricar um helicóptero são necessárias milhares de pessoas, matemáticos, engenheiros, agentes de segurança, indústria. Forças Irregulares, normalmente, não necessitam de armas sofisticadas como um sistema Astros de lançadores múltiplos de foguetes, um caça como o Gripen ou um submarino nuclear. No entanto, eles precisam de fuzis e mísseis portáteis; e precisamente esses dispositivos proliferam na superfície do planeta.

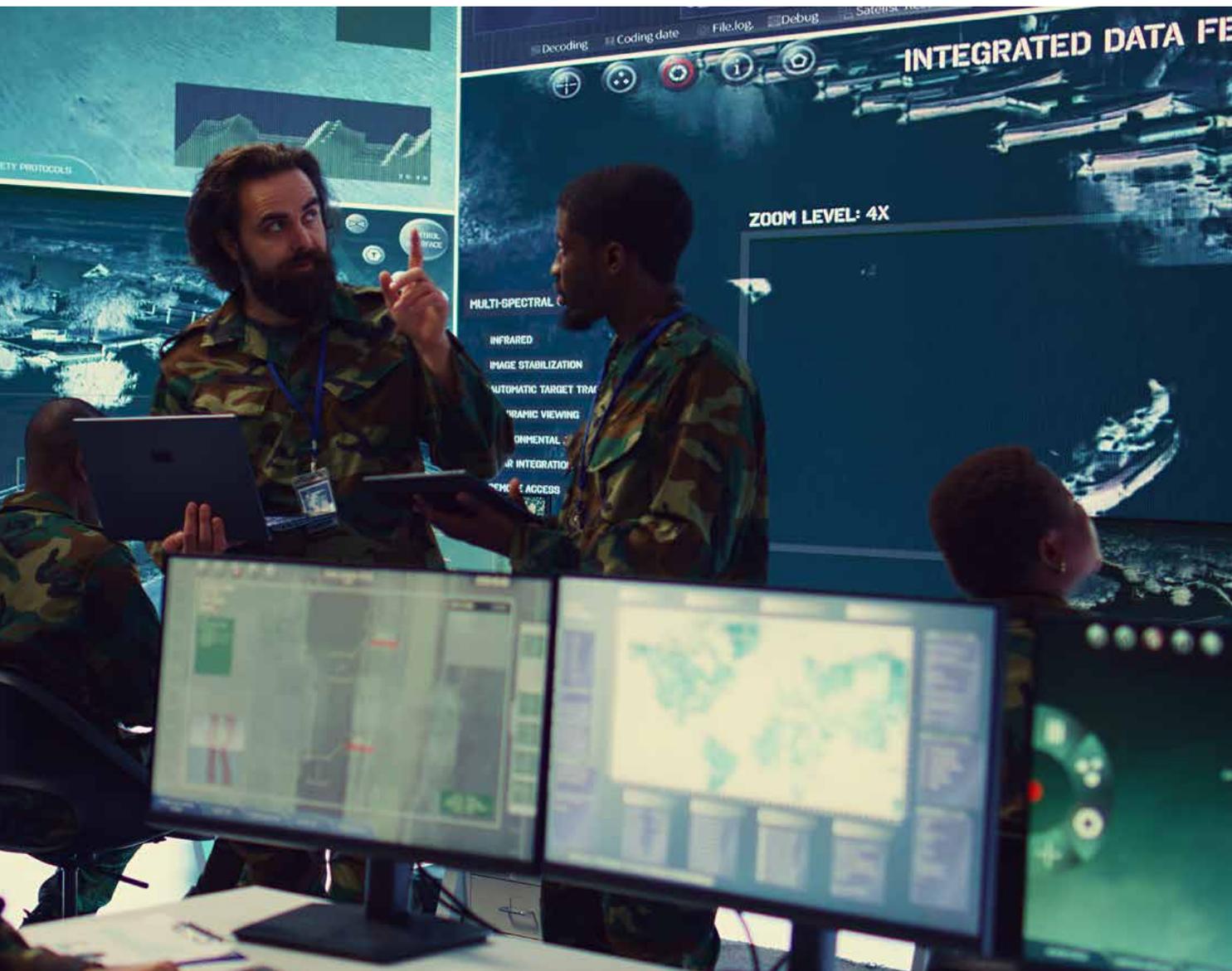


Embora a preocupação contra agentes químicos, biológicos, radiológicos e nucleares não ocupe sempre as manchetes de noticiários, não quer dizer que seja uma vertente obsoleta. As epidemias, como a do Coronavírus, mostram a necessidade de se ter militares e profissionais capacitados permanentemente, mesmo em tempos de paz, e apresentam um breve ensaio de algumas hipóteses que não estão descartadas. Vale lembrar que uma pessoa mentalmente perturbada, uma facção terrorista extremista ou um líder inescrupuloso encurralado pode lançar mão desses vetores de forma inconsequente.

Existe também outra dimensão dos combates: a guerra das narrativas, que ocorre no campo das operações psicológicas, onde se disputa a percepção predominante

nos corações e mentes das pessoas. Numa democracia, isso tem importância capital porque interfere diretamente nas urnas. A propaganda sempre foi um elemento fundamental na guerra. Não é à toa que facções como as Forças Armadas Revolucionárias Colombianas-Exército Popular (FARC-EP), Exército de Libertação Nacional (ELN), Daesh, Aqmi (Al-Qaeda no Magrebe Islâmico) ou Aqpa (Al-Qaeda na Península Arábica) investem em profissionais com um domínio técnico extraordinário em Tecnologia da Informação (TI) e publicidade. Já faz muito tempo que essas forças irregulares entenderam que não basta enviar SMS ou e-mails cheios de erros. Eles produzem vídeos e mensagens tecnicamente notáveis com qualidade similar à da NETFLIX.





Apesar de todas essas evoluções, as armas convencionais como aviões de caça, carros de combate e fragatas, comuns nas guerras clássicas, ainda têm seu lugar na atualidade. Nesse cenário, as circunstâncias têm apenas forçado a indústria bélica dos países a tornar esses equipamentos mais flexíveis para que se adaptem mais facilmente aos diferentes formatos de conflitos que vêm surgindo.

Em relação aos artefatos nucleares, as potências militares encontram-se diante de um paradoxo: essas armas têm muito pouca chance de serem usadas, mas é a própria existência delas que garante o estranho equilíbrio de que não serão obrigados a fazê-lo.

Em outras palavras: esses países estão empenhando parte de seus orçamentos para responder a suposições que não são atuais. Mas se não fizerem isso, talvez a hipótese se torne real. Abandonar essa opção é uma decisão difícil. Além disso, vale recordar que uma

característica fundamental das tecnologias militares é que elas levam muito tempo para serem produzidas. Nenhum país constrói um avião, carro de combate ou míssil em duas semanas. É necessária competência tecnológica, planejamento, logística industrial e outras necessidades com muita antecipação. No caso da tecnologia nuclear, muitos países provavelmente não abandonam o setor por razões estratégicas e técnicas. Abandonar a produção de determinados segmentos da indústria e da pesquisa científica significaria perder ou passar a ser defasado em relação a um determinado conhecimento rapidamente. Recuperar a vanguarda tecnológica levaria anos ou décadas.

No tocante à dimensão espacial, podemos dizer que a tendência é que seja cada vez mais relevante. Em 2019, os Estados Unidos criaram o Comando Espacial, caracterizando uma militarização ostensiva do espaço. “Muitas coisas irão acontecer no espaço porque o

espaço é o mais novo domínio de guerra do mundo”, declarou Trump durante a assinatura do Ato de criação do novo comando. Por sua vez, no mesmo ano, Emmanuel Macron também anunciou a criação de uma Força Espacial francesa. Essas ações foram acompanhadas de protestos por parte da China e da Rússia, que chegaram a declarar que o consenso internacional sobre o uso pacífico do espaço estava sendo violado. A verdade é que uma grande parte dos sistemas de informação das sociedades atuais depende de cadeias de satélites em órbita, o que torna essa questão uma prioridade, particularmente após a entrada dos chineses na corrida espacial há poucas décadas. No caso de uma guerra entre Estados, certamente os sistemas espaciais seriam um dos principais objetivos.

GUERRAS DO FUTURO PRÓXIMO

As estatísticas têm apresentado novos fatores de risco para os próximos quinze a vinte anos. Os europeus já estão chamando as migrações de “bomba humana”, depois que as ondas de refugiados se intensificaram a partir de 2015. Números recentes disponibilizados pela Organização das Nações Unidas (ONU) indicam que o mundo tem cerca de 250 milhões de migrantes internacionais, ou seja, pessoas que vivem em países distintos dos que nasceram. Deste total, mais de 68 milhões encontram-se em situação de deslocamento forçado. O Brasil e a Colômbia estão recebendo o impacto de milhões de refugiados do

regime ditatorial venezuelano, que levou a população da Venezuela a uma situação miserável. Boa Vista, capital de Roraima, foi salva de um colapso por causa da Operação Acolhida, em que o Ministério da Defesa criou uma grande estrutura logística para gerenciar a crise no recebimento dos refugiados.

As alterações decorrentes do impacto ambiental da ação do homem, como a urbanização, também são fatores adicionais de desestabilização. Pode-se visualizar futuras guerras alimentares e guerras pela água, por exemplo. Ainda não se sabe como serão alimentados os 9 a 10 bilhões de habitantes da Terra em 2050.

A apropriação de áreas ricas em recursos naturais provavelmente será uma questão importante nas próximas décadas; da mesma forma, recursos energéticos e alimentos também. A disputa pelo conhecimento de ponta tende a ser cada vez mais acirrada porque se o acesso à tecnologia é um fator de poder, não há razão para que não deva ser a fonte de futuros conflitos.

CONCLUSÃO

É necessário que os estadistas sejam bem assessorados na prospecção de cenários para que possam garantir sempre as capacidades mínimas dos países para dar respostas aos diversos desafios que se apresentam. Por sua vez, também é essencial que as estruturas e instituições atuais busquem ser cada vez mais versáteis e capazes de serem empregadas em diversos contextos com o mínimo de custos.

CORONEL FERNANDO MONTENEGRO

Coronel Fernando Montenegro foi Comante da Ocupação e Pacificação das favelas do Complexo do Alemão e da Penha (2011 e 2012), Instrutor Chefe do Centro de Instrução de Guerra na Selva-CIGS, comandante de Destacamento e de Companhia de Comandos e Operador de Forças Especiais no Destacamento de Contraterror. Atualmente, é professor convidado e doutorando em Relações Internacionais na Universidade Autónoma de Lisboa. Também esteve recentemente na Ucrânia realizando a cobertura do conflito para a CNN Portugal, onde prossegue como comentarista e colunista. É Mestre em Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado Maior do Exército Brasileiro e Auditor do Curso de Defesa de Portugal. Recebeu diversas condecorações civis e militares. É coautor do livro KID PRETO, Guerra Irregular e a evolução histórica das Operações Especiais do Exército Brasileiro (2021), COMANDO VERDE (2014), dentre outros



**OPERACIONAL DE
VERDADE CONHECE A**

BIBLIOTECAPOLICIAL.STORE



A MAIOR LIVRARIA POLICIAL DO BRASIL.



ACESSE O NOSSO SITE!



SIGA A BIBLIOTECA.POLICIAL 

(21) 38073009



VISADA GHOST: A ARTE DE ATIRAR COM AMBOS OS OLHOS ABERTOS



UBIRAJARA COELHO

O treinamento de tiro deve evoluir constantemente para se adaptar às necessidades reais dos atiradores, especialmente aqueles envolvidos em situações de defesa pessoal. Após as fases iniciais de aprendizado, onde os fundamentos básicos são estabelecidos, o atirador deve evoluir para técnicas mais avançadas e eficazes. Uma dessas técnicas é a de atirar com ambos os olhos abertos, conhecida como Visada Ghost.

A NECESSIDADE DE EVOLUÇÃO NO TREINAMENTO

Nos estágios iniciais do treinamento de tiro, o atirador aprende a alinhar a mira fechando um olho para focar na massa de mira. Essa prática é útil para desenvolver a precisão inicial, mas tem suas limitações, especialmente em situações de defesa pessoal. Em um confronto real, a adrenalina e o estresse elevados

tornam praticamente impossível fechar um olho ou focar nitidamente na massa de mira. Por isso, o treinamento evolua para técnicas que reflitam essas realidades.

O CONCEITO DA VISADA GHOST

A Visada Ghost é uma técnica de mira que envolve manter ambos os olhos abertos enquanto se alinha a mira e dispara uma arma de fogo. Diferente da mira tradicional, onde o atirador fecha um olho para alinhar a mira com o alvo, a Visada Ghost utiliza a visão binocular, ou seja, a visão combinada dos dois olhos. Isso cria um efeito em que a imagem das miras (sight picture) parece “flutuar” ou se tornar transparente, semelhante à projeção de um ponto vermelho de um red dot, mas sem a necessidade das adaptações para usar esse equipamento e do investimento financeiro, mantendo apenas as vantagens do red dot.



BENEFÍCIOS DA VISADA GHOST

1. Natural e Intuitiva

A Visada Ghost é uma técnica natural e intuitiva, pois aproveita a maneira como nossos olhos e cérebro funcionam sob estresse elevado. Em situações de sobrevivência, nosso corpo tende a utilizar respostas simpáticas, onde ambos os olhos permanecem abertos para maximizar a percepção do ambiente. Treinar com essa técnica permite que o atirador atue de forma mais eficaz, simulando essas respostas naturais.

2. Aumento do Campo de Visão

Ao manter ambos os olhos abertos, o atirador aumenta significativamente seu campo de visão. Isso é crucial em situações de combate, onde é necessário estar ciente do ambiente ao redor para identificar ameaças e oportunidades.

Com um campo de visão ampliado, o atirador pode reagir mais rapidamente a movimentos periféricos e mudanças na situação.

3. Melhoria na Percepção de Profundidade e Projeção de Trajetória

A visão binocular não só oferece uma percepção de profundidade melhorada, permitindo ao atirador julgar distâncias com maior precisão, mas também permite projetar a trajetória de alvos em movimento. Essa habilidade é especialmente útil em confrontos onde o alvo está se deslocando rapidamente. A capacidade de prever a distância e a trajetória de um alvo móvel aumenta significativamente a probabilidade de acertar o alvo, tornando o atirador mais eficaz em situações dinâmicas.

4. Redução da Fadiga Ocular

Fechar um olho para mirar pode causar fadiga ocular ao longo do tempo, especialmente durante sessões de treino prolongadas ou situações de combate intensas. A técnica de ambos os olhos abertos minimiza esse problema, proporcionando um conforto visual maior e permitindo que o atirador mantenha a concentração por períodos mais longos.

5. Velocidade de Mira e Disparo

Uma das maiores vantagens da Visada Ghost é a rapidez com que o atirador pode alinhar a mira e disparar. Sem a necessidade de fechar um olho e ajustar a mira repetidamente, o atirador pode adquirir alvos e disparar com maior velocidade. Isso é particularmente vital em situações de confronto onde cada fração de segundo conta.

6. Versatilidade em Diferentes Distâncias

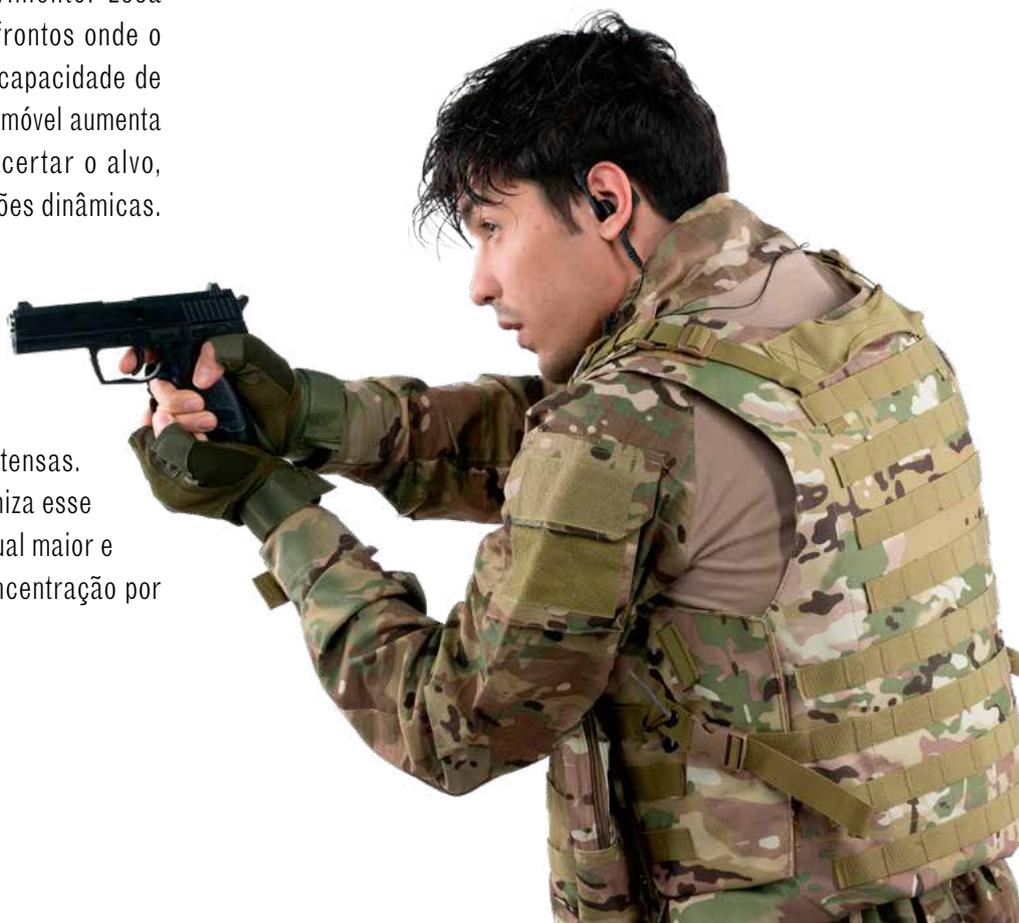
A Visada Ghost não se limita a alvos próximos. Sua eficácia se estende a diversas distâncias, permitindo ao atirador adaptar-se rapidamente a diferentes cenários de combate. Esta versatilidade é crucial para responder a ameaças em múltiplas distâncias, garantindo uma resposta eficaz independentemente da proximidade do alvo.

COMO PRATICAR A VISADA GHOST

Implementar a Visada Ghost no treinamento não requer muito esforço, já que se trata de uma habilidade natural. Aqui estão alguns passos para começar:

1. Inicie com Armas de Airsoft ou Simuladores

Para se acostumar com a técnica, comece praticando com armas de airsoft ou simuladores de tiro. Isso permite que o atirador se concentre na manutenção de ambos os olhos abertos sem a pressão de munição real.





SHOT[®] FAIR BRASIL



245 Dia 2/Jul
exclusivo
para
Lojistas
JULHO 2025

Distrito Anhembi
São Paulo - Brasil



**A feira apaixonada pelo
Mundo das Armas, Tático,
Caça e Aventura!**



- › Maiores marcas do setor
- › Lançamento de produtos
- › Grandes especialistas
- › Conteúdo exclusivo para Lojistas
- › Mundo tático e vida outdoor

SHOT FAIR BRASIL, a feira apaixonada pelo seu estilo de vida!

Ingressos disponíveis em nosso site:

shotfairbrasil.com.br

Instagram Facebook YouTube @shotfairbrasil @tvshotfairbrasil

2. Foco em Alvos Próximos

Comece mirando em alvos próximos e de tamanho maior. À medida que a confiança e a habilidade aumentam, progrida para alvos menores e mais distantes.

3. Exercícios de Alternância de Alvos

Pratique a transição rápida entre múltiplos alvos. Isso ajuda a melhorar a percepção periférica e a capacidade de reacquirir rapidamente a mira.

4. Simulações de Situações de Confronto

Inclua simulações de alta fidelidade em seu treinamento, replicando cenários de confrontos reais. Isso ajuda a adaptar a técnica à pressão e ao estresse de uma situação de combate.



ONDE APRENDER A VISADA GHOST

A Visada Ghost é uma técnica avançada ensinada em cursos especializados de tiro que focam na preparação para situações reais de defesa pessoal. Esses cursos, como o método TPM.G, abordam a técnica de maneira prática e detalhada, permitindo que os atiradores desenvolvam essa habilidade essencial de forma natural e intuitiva. Instrutores especializados em técnicas de tiro instintivo e combate são os mais indicados para ensinar a Visada Ghost.

CONCLUSÃO

A Visada Ghost representa uma grande inovação no treinamento de tiro, proporcionando uma vantagem tática notável para atiradores em situações reais de confronto. Ao adotar a técnica de atirar com ambos os olhos abertos, os atiradores podem aumentar seu campo de visão, melhorar a percepção de profundidade e a projeção de trajetória de alvos em movimento, reduzir a fadiga ocular e acelerar o tempo de mira e disparo.

Além disso, sua natureza intuitiva e sua versatilidade em diferentes distâncias tornam a Visada Ghost uma habilidade indispensável para qualquer atirador que busca excelência e eficácia em seu desempenho. Essa técnica pode transformar a maneira como os atiradores enfrentam e superam desafios em situações de alta pressão.

UBIRAJARA COELHO

UBIRAJARA COELHO é Policial Rodoviário Federal, com formação em Segurança Pública e pós-graduação em Direitos Humanos. Instrutor de tiro policial pela Academia da PMMG e pela Universidade Corporativa da PRF, dedica-se desde 1992 ao estudo dos efeitos do estresse em confrontos armados. Criador do inovador Método TPM.G - Tiro de Combate Instintivo, que ensina atiradores a disparar sob condições fisiológicas reais de combate. Autor da série Combate Instintivo (2 livros), voltada para o aprimoramento do desempenho em situações de defesa pessoal e profissional.





Um Oficial no Haiti



ANDRÉ LUIZ

Tive a grata oportunidade de servir em solo haitiano em duas ocasiões distintas. A primeira como “Braço Forte” e a segunda como “Mão Amiga”, expressões que remetem ao nosso glorioso Exército de Caxias. Em ambas as ocasiões, integrei o DOPAZ - Destacamento de Operações de Paz, composto por oficiais e praças qualificados em Cursos de Ações de Comandos e de Forças Especiais, com a missão principal de apoiar o BRABATT (Brazilian Battalion) em atividades que exigiam ações de operações especiais.

Na primeira missão, de 2006 a 2007, exerci a função de subcomandante do destacamento, responsável pelo planejamento logístico necessário às operações e por manter a moral da tropa elevada. Não é simples manter o foco quando há incerteza sobre o retorno seguro ao final do dia, nem é fácil equilibrar a mente dos integrantes durante e após os confrontos. Esta foi, até hoje, a experiência que mais me marcou e deixou legado. Guardo eterno respeito pelos irmãos que garantiram meu direito de retornar à minha família são e salvo.

Colocamos em prática todos os conhecimentos adquiridos nos árduos cursos de formação e nos intensos treinamentos. **Operamos redes de inteligência, conduzimos operações de caça, realizamos tomadas de pontos estratégicos, coordenamos e planejamos operações psicológicas visando minar a vontade de lutar do adversário,** assessoramos o alto escalão nas

tomadas de decisão e, principalmente, multiplicamos nossa força ao treinar nosso contingente e a Polícia Nacional Haitiana. **O esforço culminou com a pacificação de Cité Soleil, na época a favela mais violenta da América Central, segundo a ONU.** Este resultado não se deve somente ao DOPAZ, mas é justo destacar o papel das forças especiais, lideradas pelo Coronel Claudio Barroso Magno, Comandante do 6º Contingente Brasileiro no Haiti.

Levo no coração a honra de ter ajudado a trazer sorrisos e liberdade a milhares de pessoas anteriormente oprimidas. Se necessário, faria tudo novamente, pois estaria em harmonia com meu código de honra, que não vê a morte como derrota.

Três anos após, fui designado subcomandante de um destacamento de forças especiais que iria para o Congo, mas uma reviravolta me nomeou como comandante do DOPAZ do 12º Contingente Brasileiro no Haiti. Recebi a missão de peito aberto, embora não soubesse ao certo o que encontraria, pois a situação parecia pacificada e estável. Descobri o propósito de minha presença quando vivenciei o terrível terremoto que assolou o país.

Transformamo-nos então na “Mão Amiga”, com o lema de salvar vidas. Aquele momento marcou minha existência para sempre. É difícil descrever o olhar desolado das pessoas e a dor no coração ao ver crianças sem família, vagando pelas ruas. Sentia a dor em suas almas e o desespero em seus olhares.



“ Levo no coração a honra de ter ajudado a trazer sorrisos e liberdade a milhares de pessoas anteriormente oprimidas. Se necessário, faria tudo novamente, pois estaria em harmonia com meu código de honra, que não vê a morte como derrota. ”



Apesar de estar preparado para cenários de morte e dor extremas, foi arduamente pesado testemunhar montanhas de corpos e o odor de cadáveres em putrefação. Graças a Deus, estávamos ali, prontos para socorrer. Como diz a oração do paraquedista: “Dai-me, Senhor, o que os outros não querem, mas também a coragem, a força e a fé.” Com a força da fé, todos os capacetes azuis seguiram adiante, dia após dia, com o

objetivo de restaurar a esperança àquele povo irmão. Mesmo observando caixões de compatriotas retornando ao Brasil, conseguimos, pouco a pouco, reestabelecer a ordem.

Aos que se foram em cumprimento do dever, meu respeito e continência. Que suas memórias sejam sempre exaltadas e seus sacrifícios dignificados pelos que estão por vir.

ANDRÉ LUIZ

Executivo com mais de 32 anos de experiência na área de Segurança Empresarial, Eletrônica e Física e Militar, com ampla vivência em compliance, inteligência corporativa, mitigação de riscos, prevenção de perdas, elaboração de planos de ação, liderança em comitês de crise, gerenciamento de projetos, liderança de times, apuração de fraudes e outros.

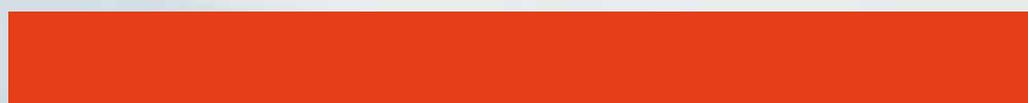
Graduado e Pós Graduado em Ciências Militares, possui relevante experiência em budget de área, gestão financeira, medições contratuais, consultoria empresarial, acompanhamento de resultados, elaboração de indicadores, relacionamento com órgãos de segurança pública a nível regional, nacional e internacional.

Atuou em grandes empresas como ADM do Brasil e Vale, onde adquiriu relevantes resultados em reduções de vandalismos e furtos, além de recuperação e prevenção de fraudes em altos valores e gestão ativa de riscos logísticos, industriais, portuários, centros de distribuições, escritórios e outros.

Como soft skills relevantes destacam-se liderança, organização, disciplina, visão holística, relacionamento interpessoal, comunicação, assertividade, inteligência emocional e gestão de crises, que complementam o perfil.



5.11  [®]



**ALWAYS
BE READY**

**SEU MELHOR VESTUÁRIO,
EQUIPAMENTO E CALÇADO**



SIGA A @511TACTICALBRASIL



WWW.511TACTICAL.COM



RIO DE JANEIRO SUAS GUERRAS E DESAFIOS



ALEXANDRE ABRAHÃO

O Rio de Janeiro é um dos maiores celeiros mundiais de Associações Criminosas e OR-CRIM's. O embrião destas maltas foi a Falange Vermelha, fundada entre 1969/1978 no presídio da Ilha Grande. Sua pedra fundamental foi a convivência entre criminosos co-muns e presos políticos, estes últimos responsáveis por adestrar os primeiros em técnicas de guerrilha e princípios de organização político-militar para emprego em ações crimino-sas. Esta facção, posteriormente, rebatizada como Comando Vermelho, serviu de plata-forma para todas, inclusive o PCC, de São Paulo em 1993. Diversamente deste, o CV sempre foi beligerante. Isso porque no Rio de Janeiro uma ruptura fez surgir duas narco-facções: 3º Comando Puro (TCP) e ADA (Amigos dos Amigos) e, contrapondo-se a estas vieram as milícias, rótulo novo para esquadrões da morte e grupos de extermínio. Por volta de 2008, em linhas gerais, o grupo perde força com as investidas estatais para aquietar a cidade e permitir a vinda da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016. Nesta ocasião surgiram às Unidades de Polícia Pacificadora (UPP's). Tal criação permitiu a evasão da insurgência das zonas de exclusão de soberania em direção à novos redutos na Baixada Fluminense, Região dos Lagos e Costa Verde.

Esta movimentação fortaleceu as milícias, vindo o CV, ainda, a sofrer duras perdas em 2016 após a rup-tura com o PCC. Esta sucessão de fatos, segundo notícias não confirmadas, quase levou o CV à banca rota.

O abatimento do aparato estatal, escorado apenas nas UPP's e no obsoleto conceito de segurança pública, não multidisciplinar, alimentou o regresso dos insurgentes às suas antigas zonas de exclusão, criando efeito colateral gravíssimo; qual seja, a mutação de áreas pacatas em novas "Black Spots". Esta multiplicação insurgente se mostra evidente a partir de 2017 quando, então, para frear a expansão das milícias e das outras facções o CV promove intensa corrida armamentista. Esta retomada de redutos integrou o fuzil ao cenário desta ex-cidade maravilhosa. Não há metrópole no planeta com tantas armas de guerra clandestinas. No RJ só o homem de bem é privado de armas!

Como o aparato de segurança carioca (investigação, policiamento e sistema judicial), vive de opções obsoletas, a seletividade na escolha dos inimigos públicos, eleitos sempre pela mídia pautante, virou regra. Esse vírus autopromocional restou evidente em 2018, após a cruel execução da Vereadora Marielle Franco e seu motorista.





O episódio nefasto virou a chave e elevou a milícia a inimiga pública número 1. Não sendo ação contra esta, não há pauta positiva; muito pelo contrário! A mudança do “inimigo” abriu a janela de oportunidades para o retorno do CV, agora basicamente soberano na imposição de suas regras junto às mais de 1400 comunidades cariocas (https://oantagonista.com.br/brasil/comando-vermelho-domina-rj-em-2023-superando-milicias/#google_vignette). Faltou-nos, como ainda nos falta, maturidade para entender que o pau que bate em Chico, deve bater em Francisco! Este ditado popular é suficiente para provar quão distantes estamos do caminho certo!

Para além destes problemas, nos tornamos convidativos. O Rio virou um “SPA” onde insurgentes do país acham abrigo. Só em 2022 foram presos quase 400 forasteiros nas nossas “black spots” (<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/07/04/favelas-do-rj-se-tornam-esconderijos-de-trafficantes-de-outros-estados-pm-prende-379-bandidos-de-fora-em-2022.ghtml>). Atualmente cerca de 110 narcotraficantes nacionais aqui habitam e daqui controlam seus feudos impunemente (<https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2024/04/15/ao-menos-101-trafficantes-de-outros-estados-se-escondem-em-favelas-do-rio.ghtml>).



O Rio virou um “SPA” onde insurgentes do país acham abrigo. Só em 2022 foram presos quase 400 forasteiros nas nossas “black spots”.



No primeiro semestre de 2024 o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), concretizou delicado estudo sobre as estruturas jurídico-policiais do Estado. Como resultado, corajosamente denunciou a expansão indiscriminada, principalmente do CV, após a decisão do STF no período

pandêmico (<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/04/10/relatorio-da-ccj-aponta-expansao-do-traffic-apos-restricoes-a-operacoes-em-favelas.ghtml>).

Este dano colateral verificado com prudência e precisão alimenta, desde então, o STF que agora tem visão ampliada de toda a intrincada problemática do Rio de Janeiro (<https://www.cnj.jus.br/cnj-apresenta-relatorio-ao-supremo-no-ambito-da-adpf-635/>) e, com tal visão global certamente manejará melhor à ADPF/635.

A verdade, aqui vai o que aprendi nestas décadas de estudos e julgamentos, é que precisamos mudar, pois como bem diz Jeffrey Robinson no seu A Globalização do Crime: “Enquanto vivermos num mundo onde uma filosofia de soberania do século XII é reforçada por um modelo judiciário do século XVIII, defendido por um conceito de combate ao crime do século XIX que ainda está tentando chegar a um acordo com a tecnologia do século XX, o século XXI pertencerá aos criminosos.”





ALEXANDRE ABRAHÃO



Juiz de Direito – Titular da 3ª Vara Especializada em Crime Organizado do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro – TJRJ.

Graduado em Direito pela Universidade Cândido Mendes Ipanema em 1994.

Pós-graduado em Direito Penal e Processo Penal pela Universidade Estácio de Sá (UNESA) em 1996.

Pós-graduando em Ciências Policiais e Segurança Multidimensional pela Escola da Magistratura Federal do Rio Grande do Sul (ESMAFE). Especialista em Direito Internacional dos Conflitos Armados (CDICA) pela Escola Superior de Defesa (ESD do MD).

Magistrado do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro (TJRJ), desde 1998, tendo sido Juiz Auditor Militar (2003/2004), Titular da 1ª Vara Criminal Regional de Bangu (2004/2013),

Titular da 32ª Vara Criminal da Capital (2013/2015),

Presidente do III Tribunal do Júri (2015/2022) e, atualmente Titular da 3ª Vara Especializada em Crime Organizado.

É Juiz Eleitoral, tendo sido redesignado por vários biênios para a função.

Foi membro da Comissão de Segurança e Inteligência do TJRJ e da Comissão de Segurança do Estado do Rio de Janeiro.

Formado pelo BOPE – Batalhão de Operações Especiais da PMERJ no Estágio de Policiamento e Patrulhamento em Área de Risco (2001), pela US Police Instructor Teams – Course Judiciary Force Protection (Orlando – Florida – 2008), Lake Technical Center – *Institute of Public Safety – Course Money Laundering and Organized Crime* – Certified Instructor. Granted by the Order of the Instructor Corps of USPIT Judiciary Force Protection – Case studies in Money Laundering and Organized Crime - Orlando – Flórida 2008), US Police Instructor Teams Course Swat Command (Orlando – Florida – 2008), ICE – *Immigration and Customs Enforcement e ATF – Bureau of Alcohol, Tobacco, Firearms and Explosives* – Seminário de Tráfico Internacional de Armas de Fogo (2017).

É palestrante, professor da EMERJ (Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro (EMERJ), autor de diversos artigos.



DISCURSOS MANIQUEÍSTAS SOBRE A EDUCAÇÃO MILITAR



SUZANA MAGALHÃES

Vivemos tempos de desrazão, a reboque de hordas midiáticas insensatas que propagam a discórdia em torno a ideias sem coerência ou consistência do ponto de vista teórico ou do cotejo com os fatos. Sobretudo os ódios e antipatias se alastram com base em estereótipos negativos de pessoas e de instituições, e daí emerge eventualmente a defesa de posicionamentos políticos autoritários e intolerantes. Esse fenômeno se manifesta entre grupos de diferentes tendências políticas, sobretudo entre as mais radicais, que percebem a realidade em preto e branco, sem conseguir apreender as complexidades e aporias da vida, da sociedade e da cultura.

Não é diferente em relação ao tema do Ensino Militar. Circulam discursos maniqueístas que ora elegem a Educação das Forças Armadas como modelo indiscutível para a Educação Básica, ora a repudiam como um paradigma educativo estático e hostil a um projeto educativo fundado na liberdade. Em todos os casos, impõe-se um denominador-comum: a crassa ignorância.

A verdade é que, fora os militares e quem atua no âmbito das Forças Armadas e auxiliares, e, especificamente, na área de ensino e da instrução militar, ninguém compreende realmente o que é Educação Militar

Inclusive quem **fala** sobre ela do alto da cátedra, por ter realizado pesquisas sobre o assunto, mas sem jamais ter acompanhado as atividades educacionais





desenvolvidas pelas escolas, centros de instrução e batalhões. Sem sequer ter entrevistado docentes ou instrutores. É estarrecedor, nesses tempos da pós-verdade, como se pode fazer afirmações taxativas sobre o mérito ou demérito de instituições sobre as quais se sabe tão pouco, praticamente só o que se encontra na internet, algumas normas e regulamentos.

Ora, tenho uma advertência a quem se aventura nesse campo minado dos clichês de praxe. Trata-se de uma língua estrangeira que exige imersão gradual em mares vastos e profundos nos quais se mergulhe de um só fôlego, livres das amarras dos preconceitos, para que sejam intuídas as complexas realidades das escolas militares, encobertas pela aparente simplicidade das normas de ensino. **E a imersão só se conquista se você pertence a esses lugares por direito, por ter feito concursos difíceis e passado, você mesmo, pelo processo formativo militar, extremamente árduo,** o que lhe permite entender essa peculiaríssima realidade. Se não é por direito, pode ser por afeto, por afinidade eletiva ou mesmo por honestidade de propósito. E aí de nada adianta esbravejar e insultar aquilo que não se entende, e nem tem como ser entendido, de fora, porque aí é que as portas dessas escolas não serão abertas, mas, ao contrário, serão firmemente cerradas para proteger o que lá se passa, pelo valor do que construíram gerações de docentes e instrutores, pela

inteligência coletiva que modelou tantas formas eficazes de ensinar e de avaliar, de transmitir a experiência moral e as lides do combate.

Nesse sentido, **a insistência no ataque à Educação Militar, por parte de alguns, e a reivindicação eventual de ingerência civil, solapando o princípio da autonomia do ensino, parece não estar compromissada com a conquista da verdade, essa musa severa e inefável nas nossas inóspitas paisagens institucionais.** Infelizmente, não se quer realmente conhecer nem aperfeiçoar a Educação Militar. Se assim não fosse, as atitudes seriam simpáticas e empáticas, no intuito de compreender a forma de se viver, de trabalhar, de construir o processo educativo. Entre verdadeiros educadores, tal crítica sem conhecimento de causa seria impensável, tal a necessidade que há de se colocar no lugar do outro, para entender as intencionalidades, os valores que impregnam as ações e as rotinas escolares, além das concepções construídas por gestores de ensino, professores e instrutores ao longo do processo de constituição dos sistemas de ensino das Forças Armadas.

Entre os detratores da Educação Militar, incluem-se os profissionais de áreas adversas ao enfrentamento das questões da formação humana, tais como as Ciências Políticas, Defesa ou Relações Internacionais, que costumam proferir os discursos contundentes sobre uma

escola militar que desconhecem por completo. A verdade é que eles nem podem vir a entendê-la de forma adequada devido ao ferramental teórico de sua própria formação intelectual, que não inclui conceitos e habilidades do campo educacional, capazes de descortinar os universos das estratégias de ensino, avaliação, gestão de ensino e da educação moral.

Há também os docentes e pesquisadores da área de Educação e Magistério que têm uma atitude de aversão ao universo militar, que é identificada, há décadas, acriticamente, à truculência, limitação intelectual e autoritarismo. Um dos problemas é que eles conhecem somente a Educação Básica e o Ensino Superior, não tendo jamais estudado ou atuado no âmbito da Educação Profissional militar, em busca de saberes operativos e de ação prática.

A intenção desses pesquisadores não é, portanto, pedagógica, compromissada com a melhoria de ensino das Forças Armadas. Nem é acadêmica, voltada para o avanço do conhecimento científico sobre o ensino militar, nem para a construção de relações sinérgicas das Forças Armadas com as instituições educativas civis. Nada disso, meus senhores. O seu objetivo eventualmente é até político-partidário. É performático, na acepção emprestada por Lyotard, por ter compromisso pragmático com os efeitos que produz e não com a análise criteriosa dos fatos relacionados à Educação Militar.

Além disso, os detratores compartilham o ranço inconfessável às Forças Armadas há mais de meio século, e a postura revanchista. O espantinho continua sentado na sala, sem que nos apercebamos de sua presença, mas destila os seus eflúvios malsãos, enquanto tocamos a vida, com o olhar voltado para o futuro. Assim sendo, esses críticos se esmeram em construir castelos imaginários sobre o processo formativo militar, criando narrativas pessimistas e inconsistentes a partir de textos clássicos ou banais, tecendo palimpsestos sem o mérito da originalidade.

É uma lástima que assim seja. A literatura especializada serve para levantar problemas e cotejar os fatos e não pode substituir o contato com o objeto de estudo, pois sem a experiência, os textos funcionam como dogmas. E esses críticos, infelizmente, enxergam o ensino militar a partir desse telescópio obsoleto e enferrujado, que descortina somente turvas silhuetas e a ilusão de uma estéril imobilidade, própria de uma Instituição anacrônica

que é incapaz de se modernizar para cumprir as suas atribuições adequadamente.

Na falta de pesquisas qualitativas sobre os sistemas de ensino das Forças Armadas, supõem-se que as escolas militares são espaços massivamente reprodutivos, nos quais não existe a possibilidade de invenção e de reinvenção pedagógica.

Entretanto, se as escolas militares preservam tradições, são também, como toda a Educação Profissional, atreladas a mudanças nas formas de realizar a sua atividade-fim, que, no caso, é a guerra. Existe sempre uma preocupação com a atualização do ensino com base na doutrina. Eis porque, a cada três anos, quando muda o quadro de instrutores militares de um estabelecimento de ensino, costuma ocorrer, por injunção normativa, uma revisão curricular considerando os "inputs" tecnológicos e as diretrizes dos escalões superiores. Desse modo, unidades didáticas relacionadas com as operações de inteligência, de guerra cibernética e gestão e educação ambiental foram inseridas nos currículos militares nos últimos anos.

Entre os detratores da Educação Militar, pulsa ainda um pacifismo programático e imaturo que confunde a missão constitucional de defender a soberania nacional com postura imperialista e expansionista, preconizando

INVICTUS



ACESSE
NOSSO SITE

SEU COMPROMISSO É COM A MISSÃO. O NOSSO É COM VOCÊ.

A **INVICTUS** é referência nacional quando o assunto é performance e confiabilidade. Estamos presentes nas rotinas das maiores forças de segurança do Brasil, com uniformização e equipamentos para quem carrega no peito o compromisso de viver **PRONTO PRA TUDO.**

Principal fornecedora de uniformes e equipamentos táticos do Brasil

ORGULHO EM SERVIR:



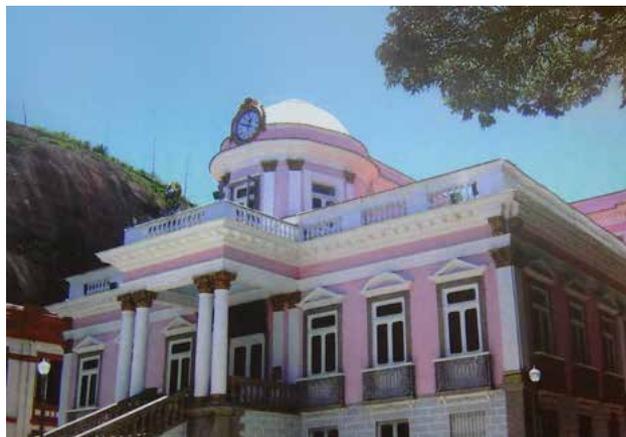
MARINHA
DO BRASIL



o repúdio a qualquer tipo de conflito armado, à revelia do que a história política ensina sobre atitude defensiva e dissuasão. A despeito da quantidade de nações envolvidas em conflito armados nos dias de hoje.

Meus senhores, as sombras da guerra pairam sobre todos os Estados e é preciso que as Forças Armadas estejam em *stand-by*, sempre prontas para o combate. Ora, não estar em condições de lutar não é benevolência e pacifismo: é pura e simplesmente covardia e irresponsabilidade diante da Nação e do povo brasileiro.

Nesse contexto é importante enfatizar a Defesa Nacional como o conjunto de atitudes e medidas do Estado, com ênfase na expressão militar, para a defesa do território, da soberania e dos interesses nacionais contra ameaças preponderantemente externas, potenciais ou manifestas. E para realizar as ações de Defesa, as Forças Armadas precisam de um preparo adequado, diferenciado do ensino civil, que não forma profissionais para enfrentarem situações de risco extremo, em prol de valores coletivos. Essa singularidade é incomensurável aos detratores do Ensino Militar, incapazes de compreender um paradigma educativo tão intenso e visceral, o único que pode inspirar a autossuperação ao soldado no cenário de caos e de morte que é próprio da guerra...



Colégio Militar do Rio de Janeiro: pavilhão de comando
(Casa: São Francisco Xavier)



Ministro da Defesa participa da comemoração de 126 anos do Colégio Militar do Rio de Janeiro

MAJ QCO SUZANA MARLY DA COSTA MAGALHÃES

A Maj Suzana Marly da Costa MAGALHÃES, QCO-PED, da turma de 2006, realizou Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará, Graduação em Letras, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará, Doutorado em Letras - Université de Paris III - Sorbonne Nouvelle, Pós-Doutoramento na Fundação Getúlio Vargas na área de História, Política e Bens culturais, com foco em instituições de ensino militar. Há anos atua como conferencista e consultora da Marinha do Brasil, FAB e PM-RJ e de várias Escolas do Exército sobre o tema da educação moral militar, sendo autora do livro: *A Forja: a Educação do Guerreiro – um estudo sobre o ensino militar das Forças Armadas brasileiras*.

Atualmente é adjunta da Seção de Pós-Graduação do CEP/FDC e Vice-Líder do Laboratório de Ensino Militar: estratégias formativas, da UNIFA/CEP/FDC.





A EXPERIÊNCIA DE REALIZAR UM CURSO NO EXÉRCITO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

AYRTON BARRETO

INTRODUÇÃO

Me chamo Ayrton Barreto Silva, nasci em 22 de agosto de 1988 na cidade de Surubim, PE. Atualmente sou 2º Sargento de Infantaria da turma de 2011, formado na Escola de Sargentos das Armas, onde hoje atuo como monitor do Curso de Infantaria. Gostaria de compartilhar com vocês a experiência de ter realizado um curso no Exército dos Estados Unidos da América, obtendo sucesso e figurando entre os destaques do curso.

INÍCIO DA MINHA TRAJETÓRIA

Antes de falar sobre o curso, permitam-me apresentar um pouco da minha trajetória militar. Em 2007, ingressei nas fileiras do Exército como soldado na 3ª Divisão de Levantamento (Olinda, PE), um ano de muito aprendizado do qual me orgulho e pelo qual recebi a honraria de “Praça mais distinta”. Também tive a oportunidade de realizar o Curso de Formação de Cabos. Entretanto, por falta de vaga na minha especialidade na época, não continuei como militar.

Após dois anos fora do Exército, retornei como aluno do Curso de Formação de Sargentos (CFS 2010/2011) em Altamira, PA, onde fui designado. Com muito esforço e dedicação, terminei o curso em 2º lugar geral (2º de 1150). No ano seguinte, concluí minha formação na Escola de Sargentos das Armas em Três Corações, MG, no Curso de Infantaria, onde voltaria a servir 12 anos depois, em 2023. O Curso de Formação de Sargentos é o mérito do qual mais me orgulho em minha carreira, pois terminei em 1º lugar no Curso de Infantaria e 1º lugar geral da Escola.



SELEÇÃO PARA O CURSO

Uma das partes mais desafiadoras ao realizar um curso no exterior é a seleção pelo Exército Brasileiro, devido à competição entre candidatos altamente qualificados que almejam essa oportunidade. **Todos os aspectos da sua carreira são considerados durante a seleção: desempenho intelectual nos cursos de formação e aperfeiçoamento, avaliações anuais de desempenho, resultados em provas físicas e de tiro, entre outros critérios, visando uma seleção justa.**

Após a seleção pelo Exército Brasileiro, os candidatos também enfrentam desafios adicionais, como exames nas embaixadas dos Estados Unidos, onde são exigidos índices mínimos de aprovação, variando conforme o curso desejado. Por exemplo, para o Drill Sergeant Course, é necessário um mínimo de 80% de acertos na prova aplicada.

PREPARAÇÃO

Desde a seleção para realizar o curso até a aprovação na prova da embaixada, passou-se um intenso e difícil mês. Confesso que em minhas orações pedia forças para não decepcionar a mim mesmo e às pessoas que confiam e confiaram em mim. O medo de não ser aprovado na prova da embaixada era grande. Entre os idiomas em que sou “habilitado” (Inglês, Espanhol e Italiano), o inglês sempre foi o que apresentou maior dificuldade. No dia da prova, senti que Deus estava ao meu lado e consegui obter a pontuação necessária (82%).

Após a tensão da prova na embaixada americana, o restante do processo foi mais tranquilo para este infante, já que a preparação física é mais prazerosa. Após consultar amigos que já tinham realizado o Drill Sergeant Course, concentrei-me no teste físico. O Army Combat Fitness Test (ACFT) é a prova física de caráter eliminatório, que ocorre logo no 3º dia de curso.

Realizei uma preparação focada e específica para o ACFT, praticando intensamente ao lado da minha esposa, simulando as provas. Infelizmente, devido à falta de estrutura, não conseguimos simular todas as seis provas do teste no mesmo dia. Vale salientar que, mesmo realizando os testes de forma isolada, obter a pontuação máxima (100/100) é desafiador.

EMBARQUE PARA OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Chegou o dia do embarque, um misto de muita ansiedade (que já me acompanhava há dias) e alegria por estar indo atrás de um objetivo pelo qual pedi a oportunidade a Deus. Saí de Três Corações, MG, às 05:00 do dia 07/04 e cheguei em Columbia, SC (destino final nos EUA), às 14:00.

O período que antecede o curso propriamente dito é marcado por uma série de medidas administrativas, incluindo a realização de uma nova prova de inglês para atestar o nível do militar estrangeiro.

O CURSO

O curso tem a duração de 9 semanas, divididas em 3 fases, além dos primeiros 3 dias que não contam (as famosas 72 horas). Uma rápida busca em sites como o YouTube, com menção ao “Shark Attack Drill Sergeant Course”, permite verificar como eram essas primeiras 72 horas. No entanto, durante minha experiência, pude vivenciar um elevado grau de profissionalismo e respeito, refletindo a mudança no tratamento dispensado aos candidatos a Drill Sergeants.

Após dois longos dias de atividades, chegou o tão esperado dia do ACFT. A adrenalina estava alta, pois sabia que minhas forças estavam nas provas práticas, enquanto o desafio maior estava na competição no idioma. A tensão deu lugar à confiança à medida que obtive excelentes pontuações nas provas. São seis provas em sequência; ao chegar à penúltima, precisei fazer a famosa “prancha” por 3 minutos e 25 segundos, um tempo que pareceu durar meses naquele momento. Após a prancha, veio a corrida, na qual eu já me sentia confortável, pois costumava cumprir o tempo com folga no Brasil. Ao começar a prova, logo percebi a razão pela qual a corrida era mais desafiadora no ACFT, especialmente devido à fadiga acumulada pelas cinco provas anteriores. Confesso que durante a corrida meu pensamento estava em dar orgulho às pessoas que amo, especialmente à minha esposa, que treinou comigo durante toda a preparação. Deus foi bom comigo, sustentando-me para que eu alcançasse os 100 pontos faltando apenas 8 segundos.

Após o Teste Físico, percebi uma mudança na forma como as pessoas me viam; a receptividade foi ótima. Comecei a ganhar mais respeito, especialmente após aquele dia. **A primeira fase do curso é muito similar à fase inicial dos soldados no Brasil.** Afinal, para ser instrutor (Drill Sergeant), é fundamental compreender a experiência. Há muitos obstáculos, pequenas marchas ao sol e muitas provas, pois as avaliações são constantes. Toda semana há uma prova, seja oral, militar de obstáculos, rapel, entre outras. Para mim, algumas vezes era uma prova “dupla”, pois além da instrução, havia o desafio do idioma.

À medida que as semanas avançam, as provas teóricas tornam-se mais exigentes ao mesmo tempo em que o tratamento no curso melhora. Na segunda fase, as provas de tiro são particularmente desafiadoras, realizadas nos 20 estandes bem equipados do Fort Jackson, sem grandes dificuldades.

Na Fase 3, os preparativos aumentam e os treinamentos, que antes eram individuais, tornam-se em grupo. **O militar precisa demonstrar comandos e execuções em equipe, incluindo a prova de orientação. É importante mencionar que em todas as fases e provas o militar deve alcançar um mínimo de 70%; caso contrário, terá outras oportunidades.** Se continuar no insucesso, o militar é desligado e precisa refazer as provas com uma turma futura, perdendo a continuidade com a turma inicial do curso.

O fim da terceira fase é marcado por um acampamento onde os treinamentos são executados e seguidos pelo retorno à base com uma marcha de 16 km. Para militares do Exército Brasileiro, isso seria considerado “tranquilo”.

Após a marcha, ocorre a brevetação. Confesso que meus olhos se encheram de lágrimas lembrando tudo que passei e a resiliência necessária para estar vivendo aquele momento. A sensação é indescritível, não apenas pelo brevê recebido, mas por tudo o que ele representa: estar em um exército de ponta, poder me aperfeiçoar e representar minha nação.

Um dia após a brevetação ocorre a famosa corrida com o Comandante, onde ele corre com os concludentes do Drill Sergeant Course. Fui chamado por um instrutor que me entregou o estandarte dizendo: “Carregue uma das honras do Iron Drill é ser porta-estandarte da turma”. Senti um orgulho imenso naquele momento, muito além das minhas expectativas de desempenho. No meio de 112



militares do Exército Americano, incluindo especialistas como Forças Especiais, Rangers e Sappers, eu, como único militar estrangeiro, tive a honra de receber essa distinção. Aquela corrida foi leve, sem sentir peso ou cansaço, apenas com a sensação de dever cumprido.

Eu sabia que minha pontuação havia sido excelente, alcançando 596 dos 600 pontos possíveis no ACFT, além de outras excelentes performances nas provas físicas (orientação, rapel, pista de obstáculos). Sempre tive receio de que, por ser estrangeiro, tal honraria não fosse concedida a mim, mas eles foram justos e profissionais conforme observei durante todo o curso.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O CURSO

A recepção dos militares do Exército americano foi a melhor possível. Quanto aos instrutores, não percebi tratamento diferenciado, seja positivo ou negativo. A estrutura é impressionante e compreensível, dado o alto investimento dos EUA nas Forças Armadas. O nível de profissionalismo do pessoal, tanto dos candidatos quanto dos instrutores, é excepcionalmente elevado. O preparo do pessoal é comparável ao nosso, o que evidencia a alta qualidade e seriedade do curso.

AYRTON BARRETO SILVA

CURSOS

Sgt Carreira - QMS Infantaria

Sgt Carreira - CAS Infantaria

Curso de Polícia do Exército

Drill Sergeant Course

Tecnólogo em Gestão Pública (Curso Superior – Civil)

ESTÁGIOS

Segurança de Autoridade / Segurança e Proteção de Autoridade

Escalador Militar / Básico de Combatente de Montanha

Básico e Avançado de Operações de Paz

Caçador

Comandante de VBTP - MSR 6X6 Guarani

Adaptação à Caatinga / Adaptação e Operação na Caatinga



MEDALHAS

Medalha Marechal Hermes de Bronze Sem Coroa /Brasil

Medalha de Praça Mais Distinta /Brasil

Medalha de Honra ao Mérito Acadêmico do Exército do Paraguai /Paraguai

Medalha Corpo de Tropa - Bronze /Brasil

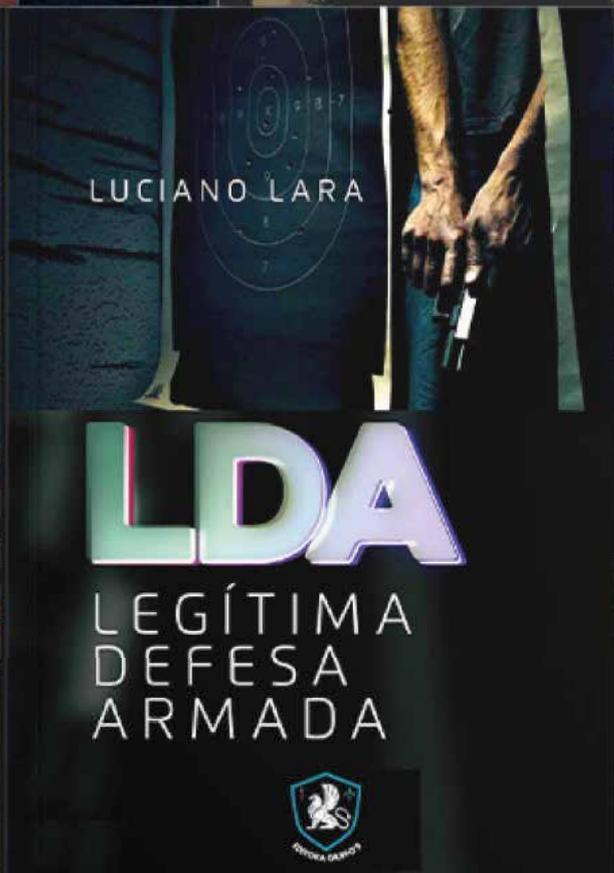
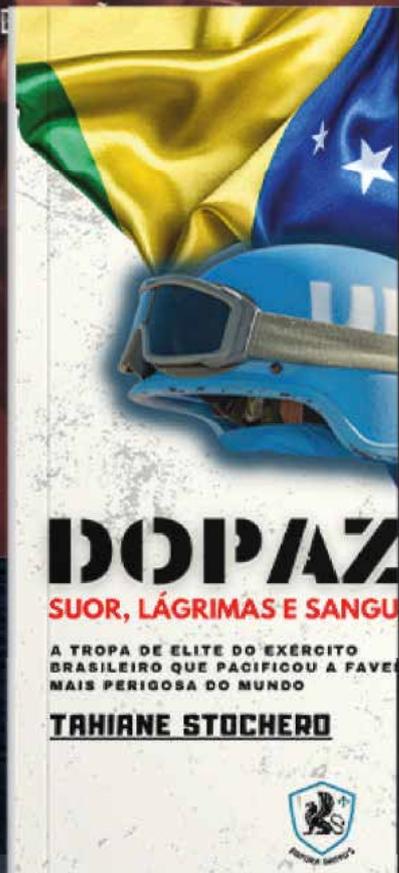
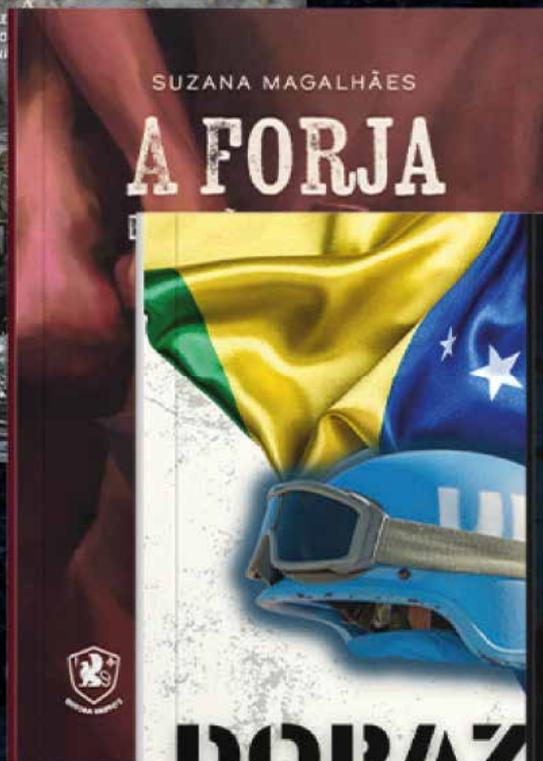
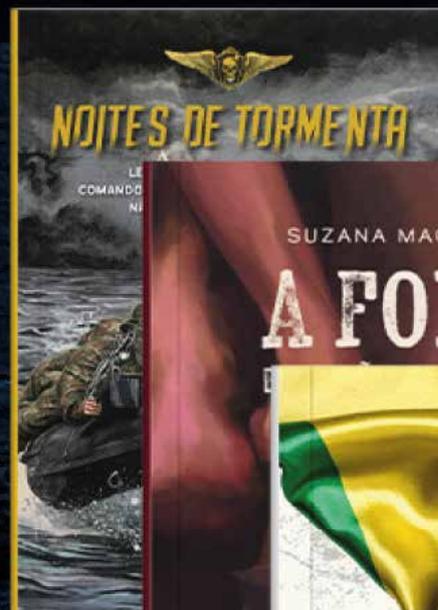
Medalha Marechal Osório - O Legendário /Brasil

Medalha Militar de Bronze /Brasil

Medalha das Nações Unidas (1ª MINUSTAH) /

Medalha General Manoel Rabelo /Brasil

Particpei da missão de Paz no Haiti – MINUSTAH de dezembro de 2016 a maio de 2017.



**ACESSE O
NOSSO SITE**

W2C
Apresenta

COP[®]
INTERNACIONAL

CONGRESSO
DE OPERAÇÕES
POLICIAIS

ENFORCE TAC

O FUTURO DA SEGURANÇA PÚBLICA COMEÇA AQUI

O **COP Internacional 2025** é o principal evento de segurança pública e atividade policial da América Latina, onde lideranças, instituições e empresas do setor se encontram para definir os rumos da segurança pública no Brasil.

Venha mergulhar no universo das operações policiais, e conheça de perto as tecnologias, os veículos, os armamentos e os equipamentos utilizados pelas principais forças de segurança e unidades operacionais de elite do Brasil.

Além da exposição, você terá acesso a **palestras com os maiores nomes do setor**, que compartilham conhecimento estratégico, experiências reais e os bastidores das operações mais desafiadoras do país.

Em três dias de evento, o **COP** conecta tecnologia, inteligência e autoridade para transformar ideias em ação.

Se você se interessa por segurança, tecnologia e operações policiais — esse é o seu lugar.



COP INTERNACIONAL 2025
23, 24, e 25 DE OUTUBRO
São Paulo Expo/SP



SAIBA MAIS
WWW.COP.INTERNACIONAL

